

Três frentes para deter a proliferação

O GDF está mobilizando três frentes de atuação contra a hantavirose, de forma integrada. A primeira é a formação de frentes com equipes para esclarecer a população sobre os riscos e meios de evitar a doença. Outra é a divulgação de campanha de esclarecimento pelos meios de comunicação e, por último, equipes médicas de plantão nos hospitais da rede pública de saúde para diagnosticar a doença e encaminhar os pacientes para o Hospital de Base, onde leitos estão disponíveis para recebê-los na UTI.

Além dos bombeiros, técnicos da Secretaria de Saúde

e da Emater estão percorrendo as áreas de risco para esclarecer a população sobre as formas de contaminação e meios de tratamento. São seis mil pessoas mobilizadas.

Ontem, seis equipes do Corpo de Bombeiros, num total de 600 pessoas, começaram o mutirão contra o hantavírus. Elas percorrem inicialmente as cidades onde já foram registrados casos da hantavirose: São Sebastião, Paranoá, Planaltina, Lago Sul, Ceilândia e Sobradinho. "Vamos começar a campanha pelas áreas rurais e periurbanas do DF, pois são as de maior risco e hábitat do rato silvestre", explicou o secretário

de Saúde, Arnaldo Bernardino.

ALERTA - O governador Joaquim Roriz fez um alerta às autoridades dos estados vizinhos de Goiás e Minas Gerais e de outras unidades para que entrem na batalha contra o hantavírus. O governador Marconi Perillo (GO), adiou em cima da hora sua vinda a Brasília para participar do lançamento da campanha, mas se reuniu à tarde com o governador do DF.

Roriz pediu a participação e o apoio do governo federal na campanha de combate à hantavirose. "Se estamos tratando de pacientes de outros

estados, vamos cobrar responsabilidades de seus governos. A doença não é só um problema do DF, mas de todo o Brasil", ressaltou. Atualmente, sete pessoas estão internadas em hospitais de Brasília com a doença, sendo quatro de cidades da região do Entorno.

No DF, foram registrados 16 casos de contaminação, nestes 74 dias após a hantavirose surgir em São Sebastião. Oito pessoas morreram e oito foram curadas. Segundo Bernardino, os índices estão na média prevista pela Organização Mundial de Saúde (OMS), que é de 50% de morte das pessoas infectadas.